

ENTRE A PARIS MATCH E O CRUZEIRO - IMAGENS DO SAGRADO¹

Fernando de Tacca²

Departamento de Multimeios, Mídia & Comunicação.

Instituto de Artes – Unicamp

Resumo

O artigo trata do embate midiático de imagens de candomblé realizadas na cidade de Salvador, Ba, e publicadas nas revistas O Cruzeiro e Paris Match no ano de 1951, envolvendo personagens importantes do jornalismo, da antropologia e do cinema, e também intelectuais de outras áreas (José Medeiros, Henri-George Clouzot, Roger Bastide, Alberto Cavalcanti, Pierre Verger, Odorico Tavares, entre outros). O fato implicou em forte polêmica no meio religioso e entre a intelectualidade brasileira e teve consequências para a mãe-de-santo Riso da Plataforma. A partir de fontes documentais, pesquisa de campo das memórias vivas, levantamento de material iconográfico, e bibliografia original e inédita, essa pesquisa analisa o fato midiático do enfrentamento entre as duas revistas na documentação fotográfica do ritual de iniciação no candomblé sob os vários pontos de vistas de seus atores.

Palavras-chave: Fotojornalismo - Candomblé - Antropologia Visual

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Comunicação dessa pesquisa foi apresentada durante a IV RAM/Florianópolis e publicada posteriormente na revista Campos (UFPr) quando a pesquisa ainda estava em processo de finalização e atualmente o livro está no prelo pela Editora da Unicamp.

² Fernando de Tacca é fotógrafo e professor livre docente no Departamento de Multimeios, Mídia & Comunicação, Instituto de Arte/Unicamp. Foi Professor Brasileiro Visitante na Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka, Japão, (1995-97), e assumiu a Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Buenos Aires em 2004. Vencedor de I Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, Funarte (1984), foi contemplado com a Bolsa Vitae de Artes/2002, e recebeu o Prêmio Pierre Verger de Ensaio Fotográfico – 2006 (ABA). É autor do livro: A Imagética da Comissão Rondon - Etnografias Fílmicas Estratégicas, Papirus, Campinas, 2001. Atualmente é coordenador do Núcleo de Pesquisa “Fotografia: Cultura e Comunicação” da INTERCOM, e editor da Revista Eletrônica Studium: <http://www.studium.iar.unicamp.br>



A primeira vez em que as fotografias sobre rituais afro-brasileiros de José Medeiros estiveram ao meu olhar corria o ano de 1984, quando me foi apresentado o livro *Candomblé*, publicado em 1957 pela Editora O Cruzeiro. Elementos inatingíveis pelo olhar leigo, espaços e temporalidades da liminaridade, detalhes do sagrado, impenetráveis ao olhar de um não-iniciado, eram explicitados pela fotografia e mostrava imagens nunca antes vistas, em recortes detalhistas de todo conjunto de cerimônias que envolvem os ritos de iniciação no candomblé. Nessa situação, ainda um neófito na área chamada antropologia visual, que começava a encontrar seus primeiros caminhos no Brasil como área do conhecimento, estive com essas imagens pela primeira vez.

As imagens de José Medeiros imediatamente saltaram aos meus olhos iniciantes na compreensão da relação entre antropologia e imagem, pois eram imagens nunca vistas por mim e com certeza por muitos pesquisadores nas áreas da antropologia e da fotografia, e, como fotógrafo, percebi que as imagens denotavam estar diante de um fotógrafo especial, com aguçado senso plástico para as condições dadas de um ritual e suas dificuldades de documentação. Percebi que estava perante uma documentação autêntica e original. Já conhecia a importância da fotografia de José Medeiros, mas sua obra era inacessível e somente poucas imagens suas tinham sido publicadas até então, fora as publicações da revista O Cruzeiro, também de difícil acesso.

O que me atraiu de imediato no conjunto de 60 fotografias foi o olhar inserido na complexidade do ritual e a forma como o fotógrafo realizou as imagens, com proximidade e consentimento. A objetividade no enquadramento com contextualização dos momentos importantes do ritual condensa, principalmente, os detalhes sobre o corpo como suporte ritualístico. Desde o primeiro instante que meu olhar percorreu o conjunto das imagens identifiquei-as como uma documentação original e de forte valor etnográfico. O texto jornalístico que acompanha as imagens, não compromete pelo seu caráter meramente descritivo, com detalhamento para ações, cantos, nomeação de objetos, e certa dramaticidade narrativa do evento. O texto e as legendas não identificam o local e as pessoas fotografadas, somente havia a indicação da cidade de Salvador, Bahia. Pensei tratar-se de uma forma de preservação das pessoas que se deixaram fotografar, mas ingenuamente fui percebendo, conforme a pesquisa foi desenvolvendo-se, que tenha sido talvez um caso de simples omissão.

Instigado então pelas imagens que ficariam retidas na minha memória, encontrei-me com o fotógrafo José Medeiros em seu apartamento no Rio de Janeiro, em 1988. José Medeiros concedeu-me, na ocasião, uma entrevista na qual relatou os fatos aqui apresentados. Eu tinha interesse específico em saber a motivação da reportagem, sua inserção no meio religioso, as relações que propiciaram a feitura das imagens, as conseqüências da publicação e outras informações que ele tivesse sobre o assunto. José Medeiros, amável e simpático, foi solícito e conversamos por duas horas. Na conversa indicou-me caminhos importantes com informações que somente ele podia me fornecer naquele momento. Disse ele que em 1951, se sentindo importunado e incomodado por imagens sobre candomblé publicadas por um estrangeiro, resolveu fazer uma reportagem mostrando os aspectos inacessíveis ao olhar leigo dos rituais de iniciação dessa religião afro-brasileira. Segundo Medeiros, a reportagem estrangeira não mostrava o “*verdadeiro candomblé*”. Como era costume no processo de decisão de pauta em O Cruzeiro, os fotógrafos tinham autonomia para propor e conduzir uma reportagem. Os enfrentamentos com revistas estrangeiras era um dos pontos importantes de afirmação para a revista como produto de um jornalismo autêntico e nacional. O caso Flávio dez anos criou um novo embate internacional entre O Cruzeiro e a LIFE e referenda o enfrentamento da revista brasileira com suas similares, uma espécie de libertação, já que as duas revistas foram inicialmente as referências estéticas na introdução do moderno fotojornalismo no Brasil.

Junto com o jornalista Arlindo Silva, Medeiros foi para a Bahia na intenção de fazer uma documentação original dos rituais secretos do candomblé. A dificuldade de aproximação nos terreiros tradicionais levou-os a procurarem alternativas e um guia indicou-

lhes uma casa não tradicional na periferia onde três iaôs estavam em reclusão e em processo de iniciação.

Medeiros relatou-nos que teve uma experiência desconfortável quando freqüentava os terreiros tradicionais tentando as primeiras aproximações com o intuito de fotografar, e logo em um deles, e mesmo sem portar o equipamento fotográfico, foi questionado por uma mãe-de-santo em transe que se dirigiu diretamente a ele e falou: *“Você veio aqui para fotografar mas não vai, não!”*. Medeiros contou-nos essa passagem com um ar de espanto místico, mas, como um fotojornalista exemplar, refletiu internamente que não iria desistir de mostrar o *“verdadeiro Candomblê”* e voltar para a redação sem o material prometido. Assim, mesmo fora dos terreiros tradicionais já se sabia de seus objetivos, afinal, a chegada de um fotógrafo e de um jornalista da revista O Cruzeiro era assunto em qualquer cidade na época. No depoimento mais informativo de sua vida, Medeiros fala sobre sua sensação de ser um fotógrafo da revista O Cruzeiro: *“Um fotógrafo da revista era tão famoso quanto é hoje um galã da Globo, cheguei a dar autógrafos na rua. O pessoal ficava vidrado pelo fato do cara ser de O Cruzeiro.”*³

Assim, ele encontrou um motorista de táxi que os guiou a um terreiro na periferia, no qual estariam sendo iniciadas as três iaôs: o Terreiro de Oxossi, da mãe-de-santo Mãe Riso da Plataforma. Na conversa com Medeiros pela primeira vez ouvi o nome da mãe-de-santo que se deixou fotografar, um dado importante para a pesquisa de campo realizada em 2002, pois pude ir diretamente para o local, o bairro da Plataforma, em Salvador, e encontrar as memórias vivas dos acontecimentos nas pessoas que tiveram alguma relação com o evento ou que foram fotografadas por Medeiros. Somente no final da pesquisa, por meio de conversas com Arlindo Silva, tivemos a informação de como chegaram até o terreiro de Mãe Riso. O também fotógrafo Gervásio Batista apresentou-os a um motorista de táxi, chamado de “Sessenta”, que era freqüentador da casa de Riso e sabia da reclusão de três iaôs, e por intermédio de “Sessenta” chegaram até o bairro da Ilha Amarela onde ficava o terreiro. Localizado no subúrbio ferroviário, o local era ainda zona rural com poucas casas e um trajeto muito longo e difícil, passando pela Ribeira e pela Plataforma, muito distante do centro de Salvador.

Contou-nos Medeiros que “pagou” a mãe-de-santo para fotografar as três iaôs dentro de sua reclusão, as etapas do ritual de iniciação, e a festa de saída. Com a carga mística envolvendo sua fala e o fato de estar documentando procedimentos ritualísticos não veiculados pela mídia brasileira até então, falou-nos com forte ar de mistério que ainda teve problemas com seu equipamento, pois o cabo de sincronismo do flash rompeu-se. Como o

³ Depoimento no catálogo da exposição “José Medeiros - 50 Anos de Fotografia”, Funarte, RJ, 1986, pp.15.

ambiente era muito escuro, fez as fotos com sua Rolleiflex usando B no anel do obturador⁴. Assim, acionando e segurando o disparador na posição B, disparou a luz do flash e imprimiu imagens com ótima qualidade tonal no material fotossensível e carga dramática demonstrando sua capacidade técnica de trabalhar em condições adversas.

A reportagem resultante foi publicada no dia 15 de novembro de 1951 na revista *O Cruzeiro* com o seguinte título *As Noivas dos Deuses Sanguinários*, contendo 38 fotografias. Algumas dessas fotografias de Medeiros, poucas e raras, foram publicadas depois da reportagem e do livro, e foram sendo citadas em catálogos e artigos nos anos subseqüentes com erros de datas e falsas informações, mas sempre de uma forma ufanista sobre a importância desse material fotográfico na história do jornalismo brasileiro, e de modo superficial, pois, quando citado, nunca veio acompanhado de uma análise mais profunda, nem ao menos se discutiu o próprio campo ético do jornalismo, propício nesse caso. Accioly Neto diretor de redação da revista por mais de 40 anos, deixou uma série de escritos memorialistas dos fatos, dos personagens e dos profissionais com quem conviveu e que seu filho fez publicar no livro *O Império do Papel - Os Bastidores de O Cruzeiro*. Accioly Neto, mesmo estando próximo de José Medeiros, cometeu o erro grave de localizar as fotos publicadas no tradicional terreiro do Gantois e acentua as dificuldades da reportagem, aumentando assim a mística em torno dela, diz ele: "*A atração pelo mistério levou José Medeiros também aos terreiros de candomblé em Salvador, Bahia, muitas vezes arriscando-se na tentativa de tirar fotos, que na época eram proibidas. Certa vez conseguiu documentar um ritual de iniciação das filhas-de-santo no terreiro do Gantois, com fotos impressionantes das mulheres de cabeça raspada e marcadas de sangue, que foram publicadas com grande sucesso em O Cruzeiro.*" (Accioly Neto:1998:120, grifo nosso)

No catálogo da exposição "José Medeiros", Instituto Itaú Cultural, 1997, com curadoria de Rubens Fernandes Júnior, uma das fotos reiteradas vezes publicada depois da reportagem em *O Cruzeiro* em 1951, aparece com a seguinte legenda *Candomblé - Iniciação de filha-de-santo, Salvador, 1957*. A confusão com datas nesse caso deve-se às duas publicações: da reportagem e do livro. Esse mesmo erro aparece na edição comemorativa dos cinquenta anos da Editora Abril, em 2000, com o livro *A Revista no Brasil*, com a publicação de umas das fotos com os seguintes dizeres: "... *O Cruzeiro - revista que outro mestre, José Medeiros, publicou em 1957 um notável ensaio sobre o candomblé na Bahia*". Parece que todos insistem em datar as imagens pela data da edição do livro e não pela data original da reportagem. Mesmo a mais cuidadosa publicação sobre Medeiros, com um depoimento

⁴ Dispositivo que permite sensibilizar a película por quanto tempo desejar o fotógrafo, enquanto estiver apertando o botão disparador o filme está sendo exposto à luz.

elucidador de sua trajetória, *José Medeiros - 50 Anos de Fotografia*, que acompanhava uma exposição retrospectiva na Funarte/RJ, em 1987, insiste na data de 1957. Nadja Peregrino, que fez a curadoria dessa exposição e do catálogo, juntamente com Ângela Magalhães, publica alguns anos depois o livro *O Cruzeiro - A Revolução da Fotorreportagem*, em 1991, em que analisa, agora diretamente na fonte, a reportagem *As Noivas dos Deuses Sanguinários*, creditando a data correta das fotografias e publicando uma reprodução de uma página da revista. Sua análise é formal e prende-se somente ao aspecto da diagramação, não abordando o conteúdo da reportagem ou a análise das imagens. Não se sabe quem são as pessoas fotografadas, como a reportagem foi feita, como Medeiros conseguiu fazer as imagens, ou suas motivações. Reforça-se aqui a falta de informações sobre o conjunto de imagens publicados no livro e na revista, de uma pessoa que também esteve muito próxima de Medeiros. A mim, que perseguia essa história, parecia que nunca chegaria a entrar no mundo mágico e religioso fotografado por Medeiros; as imagens e a própria reportagem tangia-se de uma aura intransponível.

Os remissivos erros em questões banais de datas facilmente pesquisáveis são acompanhados por equivocadas informações, como a de Accioly Neto, são parte de um grande imbróglio em relação à publicação da reportagem e do livro, do qual são cúmplices muitas áreas, entre elas o mundo jornalístico, próximo e distante de José Medeiros, que nunca estabeleceu uma relação analítica com a reportagem para discutir as consequências éticas de invasão imagética do universo religioso, como também o meio religioso dos cultos afro-brasileiros que fomentou uma série de versões sobre o caso. Ressalte-se também que a antropologia nunca tomou essa polêmica como tema. Esse grande equívoco dura mais de cinquenta anos!

Luis Maklouf Carvalho, no seu livro *Cobras Criadas - David Nasser e O Cruzeiro traz* um extenso volume de informações sobre a revista, e dedica apenas um parágrafo sobre a reportagem e nos relata de maneira mais próxima dos acontecimentos a reportagem de José Medeiros e Arlindo Silva: "... uma impressionante reportagem sobre a iniciação ritualística das filhas-de-santo em um terreiro da Bahia - " *As Noivas dos Deuses Sanguinários*" - de 19 de setembro de 1951. Medeiros fotografou a raspagem da cabeça das iaôs e o batismo com o sangue dos animais - fotos depois reproduzidas no livro *Candomblé*. Arlindo conta que a mãe-de-santo foi perseguida por ter permitido o acesso dos repórteres ao ritual secreto" (Carvalho:2001:236). Pela primeira vez aparece nos escritos sobre a reportagem um relato sobre as consequências impostas à Mãe Riso da Plataforma, que nunca teve seu nome mencionado nas publicações, mesmo que somente como um dado e cinquenta anos depois. Para todos os protagonistas, esse anonimato imposto por José Medeiros e por

Arlindo Silva nunca foi interesse de investigação, nem tampouco todas as decorrências da publicação. Maklouf somente erra na data da revista, compreensível para o volume de dados de seu trabalho e que não compromete as informações precisas sobre a reportagem, mas novamente a importância sobre a reportagem passa despercebida.

No meio antropológico, o acontecimento único de uma reportagem dessa importância ter acontecido, e naquele momento, simplesmente foi ignorada e desprezada como uma possibilidade de estudar as relações da fotografia com o mundo religioso. Segundo Medeiros, a publicação das imagens que mostravam cenas de sacrifício de animais, cenas internas da reclusão, e detalhes do processo ritualístico, causou muita polêmica no meio do Candomblé na Bahia. Ainda, segundo ele, devido à reportagem, as iaôs não tiveram sua iniciação reconhecida e assim ficaram marginalizadas dentro da religião, com consequências graves para elas, uma suicidou-se anos depois e outra foi internada em um hospital psiquiátrico. Essas informações ele obteve quando esteve outras vezes em Salvador, de pessoas que encontrava e que tinham relações com o mundo religioso. Medeiros hospedava-se com nome falso para que não fosse identificado como o fotógrafo que fez as fotografias de O Cruzeiro, disse-me que tinha medo de *ebó*. Segundo ele, a mãe-de-santo teria sido assassinada um ano depois, mas não sabia as causas do fato. Esses dados foram sendo desmontados no decorrer da pesquisa, assim como muitas versões locais, em Salvador, e que repercutiram e foram alimentados no meio religioso sobre a figura de Riso da Plataforma.

O Impacto em Salvador

Uma série de publicações nos jornais antecedeu a chegada da revista em Salvador e produziu um impacto muito maior do que imaginávamos no começo da pesquisa. O jornal A Tarde, de Salvador, fez publicar no mesmo dia da capa da revista, uma chamada de primeira página (um *box* de dimensões consideráveis), no alto, à esquerda, anunciando a reportagem e a chegada nos próximos dias dessa edição na cidade: " *Ritual Secreto do Candomblé. Iniciação de Filhas-de-santos na Bahia. Hoje em todas as bancas, chegou via aérea, o novo número da Revista O CRUZEIRO*".

Tal chamada repetiu-se também no jornal Diário de Notícias, pertencente aos Diários Associados, com *box* anunciando a chegada da revista por cinco dias consecutivos, quatro deles na primeira página, com os dizeres:

"*Hoje em todas as bancas, chegou, por via aérea, o novo número da revista "O Cruzeiro" - com a sensacional reportagem de José Medeiros e Arlindo Silva sobre a Iniciação das " Filhas-de-santo", na Bahia - em todas as bancas ao preço comum de quatro cruzeiros*".

No dia 14/09/1951, um dia antes da data de capa da revista, o jornal publicou uma das fotografias da reportagem, criando uma expectativa ainda mais tensa sobre o conteúdo da reportagem. A fotografia publicada na contracapa do jornal mostra uma cena muito forte a um olhar leigo do sacrifício de um animal na cabeça de uma *iaô*, e a chamada do box em destaque é agressivamente apelativa: " **O Deus tem sede de sangue**", e segue uma parte do texto de Arlindo Silva contextualizando a imagem, trecho literal da longa descrição publicada na revista. Pela primeira vez, um jornal publicava uma fotografia de uma iniciação no Candomblé, o que demonstra o forte impacto da chegada da revista, pois outros dois veículos de comunicação de massa prepararam e acentuaram o conteúdo da reportagem. Reforçando ainda mais a reportagem, nesse mesmo dia (14/09/1951) o jornal O Estado da Bahia também publicou em primeira página um *box* exatamente igual aos publicados pelo Diário de Notícias. Assim, todos os principais jornais de Salvador anunciaram a chegada da revista para que nenhum leitor passasse despercebido e incólume à revista O Cruzeiro.

Diz o texto do jornal Diário de Notícias do dia 14/09/1951, acompanhado da fotografia de sacrifício de animais retratado por José Medeiros com o título apelativo envolvendo divindades africanas e sua "*sede de sangue*":

"Esta fotografia é uma das muitas que ilustram, de maneira sensacional e inédita, a reportagem que traz o último número, de " O Cruzeiro", já a venda nesta capital. Refere-se as cerimônias da iniciação da filhas-de-santo em toda a sua crueza espetacular e primitiva. Em resumo, trata-se de um autêntico e audacioso "furo" jornalístico. O repórter-fotográfico José Medeiros e o repórter Arlindo Silva foram os autores da sensacional façanha. Durante longas semanas, insistiram, até conseguir o objetivo. Eis um dos trechos da impressionante história:

" Como a raspagem da cabeça, o ritual de flagelação foi repetido com as outras duas "iaôs", sempre na cadeira. Durante mais de uma hora, assistimos a esse dilacerar de carnes ali na "camarinha". A navalha não parava. O cheiro de sangue se misturava com o cheiro de suor, as "filhas-de-santo" entoavam lá fora os seus cânticos sacros, e o atabaque era um gemido rouco dentro da noite. A "mãe-de-santo" revelava minúcia em suas incisões. A navalha feria e o sangue brotava, quente, palpitando de vida. Por fim, a última incisão foi feita, e as três iaôs se prostaram sobre as esteiras em atitude de oração. Víamos, diante de nós aqueles 3 corpos humanos retalhados e ofegantes, e não entendíamos uma só palavra da prece que arrancavam de dentro de si como roncões. De repente, a "mãe-de-santo" agitou por três vezes uma toalha branca, e de novo os "erês" se apossaram das três mulheres, cessando a atuação dos "santos". O cerimonial servira para "fechar o corpo" das "iaôs", livrando-as do mal, e agora a porta da "camarinha" se cerraria até a madrugada, quando a cerimônia da

"iniciação" deveria continuar. Em silêncio, deixamos o recinto e companhia da "mãe-de-santo" e da "mãe-pequena". Lá fora, o atabaque já não soava. Era mais de meia-noite."

A importância e o impacto da reportagem da revista O Cruzeiro no meio religioso do Candomblé baiano pode ser compreendido também pelo anúncio que a Federação Baiana de Cultos Afro-brasileiros fez publicar no dia 22/11/1951, no jornal A Tarde, quase dois meses depois, confirmando uma temporalidade expressiva desse impacto:

"A Federação Bahiana de Culto Afro-Brasileiro tem a grata satisfação de convidar todos os terreiros, os simpatizantes do culto, a imprensa e o povo, em geral, para assistirem à assembléia geral extraordinária, a realizar-se no Domingo, 25 do corrente, às 14:00 horas, 1º andar, defronte à entrada do Cinema Liceu, a fim de especialmente julgar conveniente as publicações que foram feitas nas revistas 'Paris Match' e 'O Cruzeiro', a respeito do culto africano na Bahia".

Surpreendentemente, pela primeira vez, desde minha conversa com José Medeiros em 1988, quando ele citou que a motivação para a reportagem surgiu após ter visto uma publicação estrangeira sobre candomblé, pude encontrar um elo perdido das informações na Paris Match. Imediatamente, contatei amigos na França⁵ e consegui um exemplar ainda em estoque nos arquivos da Paris Match, datada de 12/05/1951, que mostrava uma reportagem de Henri-Georges Clozout na Bahia. A reportagem intitulada "Les Possédées de Bahia" (As Possuídas da Bahia), tornou-se então o encontro com a motivação fotográfica responsável pela ida de José Medeiros para a Bahia, e do empenho desafiador em relação a uma importante publicação estrangeira. A publicação na qual a Federação Baiana de Cultos Afro-brasileiros clama por uma "audiência pública", demonstra mais ainda que nesse período existiu uma grande polêmica animada pelos jornais baianos sobre a documentação e publicação de imagens de candomblé. Recortes de jornais encontrados nos arquivos de Pierre Verger demonstram que essa acirrada discussão pública deu-se também em torno da Paris Match, e demonstra principalmente que ele estava muito bem informado e acompanhava os acontecimentos, apesar de manter-se em silêncio público sobre os fatos.

Seis anos então, depois da publicação da reportagem de 1951, a mesma editora da revista O Cruzeiro publicou o livro *Candomblé*, em 1957, com todas as fotografias veiculadas na revista, com um acréscimo considerável de mais algumas escolhidas por Medeiros, totalizando 60 imagens, 22 fotografias a mais. A nova forma de publicação colocou as mesmas imagens em outro formato e em outra valorização. Se na revista o artifício jornalístico era o sensacionalismo para atingir um formato popular direto e ofensivo à

⁵ Luiz Eduardo R. Achutti fazia doutorado na França e me ajudou encontrar um exemplar da citada revista.

religião, já, a partir do próprio título, no livro, as imagens passaram a ser um material etnográfico único e de valor singular pela qualidade fotográfica da documentação.

O material fotográfico coletado por José Medeiros transforma-se em conteúdo, de uma primeira publicação marcada por um fotojornalismo de cunho sensacionalista, principalmente pelo título da matéria, em um documento etnográfico na apresentação gráfica e nas marcações das legendas no formato livro. Meu objetivo nessa pesquisa foi discutir as mudanças de significação do material exposto acima, aprofundando a análise das narrativas nos meios impressos em que foram publicadas e compreender a extensa rede de significações que as imagens percorreram em várias esferas.

Na primeira versão temos uma profanação do espaço do sagrado, permitido somente para os iniciados, ao torná-lo visível ao olhar, um olhar leigo massificado pela importância da revista *O Cruzeiro* na opinião pública da época. Na segunda versão temos as mesmas imagens sem o tratamento sensacionalista, mas com uma abordagem que transparece uma aparente neutralidade na explicitação visual do ritual, transformando-as em documento etnográfico ou "científico", coroando-as com uma nova aura para o sagrado profanado. No segundo momento, analisei detalhadamente o foco de tensão e revolta de um sentimento nacional posterior à publicação da revista *Paris Match* criando um campo propício para a revista *O Cruzeiro* dar sua resposta. Em seguida, percorri território espacial e cultural no qual José Medeiros e Arlindo Silva estiveram, na periferia de Salvador, para encontrar os resquícios memoriais dos personagens fotografados, principalmente de Mãe Riso da Plataforma. Pierre Verger surge como um contracampo a esse exercício ético do fazer jornalístico e documental sobre minorias étnicas. O deslocamento contextual encontra a gênese da fotografia como realidades múltiplas permitindo, desta forma, significações diferenciadas, sagradas ou profanas, conformando o que expomos conceitualmente como fricção ritualística.

Os formatos de apresentação de material etnográfico nos meios de comunicação de massas e suas decorrentes consequências com a invasão do olhar leigo, *voyeur* e massificado, muitas vezes preconceituoso e induzido pela mídia em relação às cerimônias e rituais tradicionais de culturas locais não globalizadas, produz significações descontextualizadas muitas vezes pejorativas e elevadas ao campo do exótico e da humilhação. Entretanto, as mesmas imagens de cunho sensacionalista veiculadas por mídias populares, quando descoladas do contexto jornalístico, reencontraram seu referente vivificado no seu intrínseco valor etnográfico, com todas as consequências danosas que acarretaram para Riso e suas iaôs.

A fricção ritualística

A fotografia pode ser considerada como um ritual de passagem com acentuou David Tomas em três artigos (Tomas: 1982; 1983; 1988). David Tomas parte da estrutura proposta pela bibliografia clássica da antropologia sobre o tema (Gennep, 1978; Turner:1974; Leach:1978) para encontrar similitudes no processo entre o ato fotográfico em si, no momento único de sua indiciabilidade e seus procedimentos técnicos no processamento da imagem como um ritual de passagem. De forma sintética, para Tomas, o rito de separação na cerimônia fotográfica é desprendimento da materialidade e os processos óticos de inversão para um suporte bidimensional. A negatividade e a ausência de luz significariam o momento da liminaridade, a imagem latente não processada quimicamente e seu processo de formação de uma imagem negativa da realidade. A agregação é a criação da condição de positividade da imagem e sua inserção no campo social. A morte simbólica por intermédio da redução ótica e na espacialidade do suporte bidimensional transforma-se em "ponte de permanência" de uma cena ou de uma pessoa, ou seja, a ligação entre o fotógrafo e o espectador da imagem criando um "eterno presente".

A similitude dos processos entre um ritual de passagem na sua liminaridade com a imagem técnica da fotografia, também marcado por um processo ritualizado que cria campos marginais com todas as características dos ritos de passagem, transfere o rompimento da linearidade do tempo social, e entenda-se aqui o espaço do sagrado nesses rituais, para outra categoria liminar, agora no campo das imagens técnicas. A superposição das liminaridades justapõe a proibição da visão nas reclusões dos iniciados e na imagem latente da película. A existência de dois campos marginais, ou liminares, cria uma fricção ritualística entre o sagrado contextualizado na cosmologia religiosa e os mecanismos ideológicos no processamento da imagem técnica, ou seja, a metáfora de Turner para a modelagem do barro pela matéria nuclear, a transformação do pó, aplica-se à modelagem da luz pelos grãos de prata, uma construção imagética social que lhes dá forma existencial além da primeira realidade. A morte social encontra aqui similitude na morte da primeira realidade, já que prisioneira do recorte temporal e espacial do campo fotográfico ressurgue na agregação como um conceito, uma imagem conceito (Tacca:2001).

Ao trazer ao olhar leigo o campo elegido da magia ou do contato primordial com as divindades, o campo marginal da imagem fotográfica assume e superpõe sua liminaridade ao campo religioso, uma nova magia estabelece-se alterando o conteúdo original do sagrado. Guardado na escuridão para preservar seu campo liminar, a imagem latente não pode causar danos para o sagrado religioso, mantém-se invisível na escuridão do sagrado fotográfico; temos então o sagrado superposto; entretanto, ao dar-se a ver, e de forma pública,

rompe-se a estrutura própria do segundo campo liminar, expondo a liminaridade inicial, mas ainda somente para os olhos individualizados do fotógrafo ou de seu laboratorista, ou mesmo de algumas pessoas da redação. A publicação das imagens decreta a profanação do sagrado. Aqui aproximamos do que Van Gennep chamou de “*rotação do sagrado*”. A rotatividade do sagrado, ou como diz Da Mata, a “*relatividade do sagrado*”. Perde-se a aura original do fechamento social da reclusão após se tornar imagem massificada, mas cria-se no deslocamento original do profano uma nova ordem sagrada, a ordem mágica e programática das imagens técnicas (Flusser:1980). O sagrado desloca-se de seu sítio apreendido na câmara escura, guardião dos segredos originais quando ainda latente, para concretizar-se em imagens visíveis.

No relativismo do campo religioso do candomblé cristaliza-se a profanação; na existência do documento etnográfico único, uma nova ordenação do sagrado existindo no campo imagético; o fotógrafo torna-se feiticeiro, ou melhor, dizendo, sacerdote de uma ordem superior da sociedade tecnológica, um embate de duas magias. O fotógrafo/feiticeiro extrapola a “*lógica da falácia do bruxo*” (Leach:1978:37-40), pois ao invés de cometer o “*erro*” de transformar um símbolo metafórico em signo metonímico estará epistemologicamente sempre dentro do campo da indicialidade, ou a existência por contigüidade física (Dubois:1994:94); ou ainda, no processo de construção da significação do signo fotográfico implicadas em superposição entre significante e referente (Barthes:1980:18), mesmo que o operador seja simplesmente um mero “*funcionário do programa*” (Flusser:1980:22).

Aprofundando a liminaridade fotográfica, a técnica fotográfica manipulada por Medeiros propiciou uma exposição longa, com tempo indefinido na posição B, que atua no tempo extenso do obturador aberto no toque do dedo e na velocidade intensa e rápida do *flash* para guardar a imagem latente em película e levá-la em liminaridade para outros espaços, o laboratório, e depois a visibilidade da publicação das imagens nos meios de comunicação. De outro lado, pelo campo ético religioso, muitas imagens de Pierre Verger ainda adormecem na escuridão e na liminaridade de seu acervo e lentamente algumas escapam em processo de agregação com uma realidade muito distante na qual foi originado o ato fotográfico do sagrado.

O deslocamento do profano no roteiro revista – livro permite voltar à Van Gennep e o “*deslocamento dos círculos mágicos*” que conforme uma posição ou outra na sociedade muda-se o lugar do indivíduo ou de seu *status*. O referente aderido à imagem fotográfica perde sua carga mítica original descontextualizando o evento religioso, para transformar-se em outra magia, uma magia contemporânea que não se propõe a modificar o

mundo, e sim nossos conceitos sobre o mundo ou como esse autor denomina: uma magia de segunda ordem. (Flusser:1980:22)

Acentuados por essa carga intencional, o sensacionalismo alimenta os olhares maniqueístas sobre a cultura na categorização de um primitivismo religioso visto pejorativamente pelos valores estabelecidos do "bem", e dessa forma, o fotógrafo substitui com eficácia a “*lógica da falácia do bruxo*” criando uma nova ordem imagética, diretamente friccionada com o religioso, e programática da sociedade de consumo de imagens compreendidas como mercadorias simbólicas mediáticas.

Bibliografia

Accioly Netto, Antonio. O Império do Papel - Os Bastidores de O Cruzeiro, Porto Alegre:Sulina, 1998.

Carvalho, Luiz Maklouf. Cobras Criadas, São Paulo:Senac, 2001.

Dubois, Philippe. O Ato Fotográfico e outros Ensaios, Campinas:Papirus,1994.

Da Matta, Roberto. *Apresentação*, in Gennep, Arnold Van. Os ritos de passagem, Petrópolis:Vozes, 1978.

Eliade, Mircea. O Sagrado e o Profano, São Paulo:Martins Fontes, 2001.

Flusser, Vilém. Filosofia da Caixa Preta - Ensaio para uma futura filosofia da fotografia, São Paulo:Hucitec,1985.

Leach, Edmund. Cultura e Comunicação - A lógica pela qual os símbolos estão ligados - Uma introdução ao uso da análise estruturalistas em Antropologia Social, Rio de Janeiro:Zahar, 1978.

Medeiros, José. Candomblé, Rio de Janeiro:O Cruzeiro, 1957.

_____. José Medeiros, Rio de Janeiro:Funarte, 1986.

Peregrino, Nadja. Cruzeiro - A Revolução da Fotorreportagem, Rio de Janeiro:Dazibao, 1991.

Tacca, Fernando de. *O Feitiço Abstrato*, in Cadernos da Pós-graduação, Instituto de Artes, 3(2), 1999.

_____. *Candomblé – Imagens do Sagrado*, in Revista Campos, edição especial da IV Reunión de Antropología del Mercosur, UFPa, no. 03, 2003.

_____. *O Sagrado em Imagens*, in Mídia, Cultura, Comunicação (org. Anna M. Balog, Antonio Adami, Juan Droguett, Haydde D. F. Cardoso), Arte & Ciência, São Paulo, 2002.

Tomas, David. *Toward and anthropology of sight - Ritual performance and the photographic proces*”, in Semiotica 68(3/4), 1988.

_____ *The ritual of photography, in Semiotica*, 40(1/2), 1983.

_____ *A mechanism for meaning - A ritual and the photographic process, in Semiotica*, 46(1), 1982.

Turner, Victor W. O Processo Ritual, Petrópolis: Vozes, 1974.

Van Gennep, Arnold. Ritos de Passagem, Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

Verger, Pierre. 50 Anos de Fotografia, Salvador: Corrupio, 1982.

_____ Orixás, Salvador:Corrupio,1981